

ARTE DE VIVER JUNTO: JUVENTUDES E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Carla Lisbôa Grespan*

Cleber Gibbon Ratto**

Hans Gert Rottman***

Resumo

Neste ensaio, tomaremos como análise os dados da pesquisa “Agenda Juventude Brasil 2013”, relacionados ao item “Temas da Juventude e Percepções do País”, sobretudo no que diz respeito à sociabilidade, ao “viver junto”, ao “estar junto”, tendo por objetivo pensar como as perspectivas de futuro das juventudes podem constituir uma linha de ampliação das formas de vida e sociabilidade, nunca completamente previsíveis ou garantidas. Os espaços virtuais redefinem o espaço público e político, proporcionando o reconhecimento de variadas subjetividades. Essas redes têm constituído diferenciados espaços de vida, uma multiplicidade de novas práticas de si e ações coletivas de inteligência que potencializam as sociabilidades e abrem perspectivas para um futuro que estamos a forjar a cada instante. Mas uma questão fica em aberto: o que temos, nós educador@s, a ver com isso?

Palavras-chave: Sociabilidades; Juventudes; Futuro.

*Doutoranda em Educação pelo Centro Universitário La Salle - UNILASALLE (2015). Bolsista CNPq. Mestra em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). Especialista em Pedagogias do Corpo e da Saúde pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora da Rede Estadual de Ensino Médio.

**Pesquisador do CNPq. Psicólogo pela Universidade Católica de Pelotas. Psicoterapeuta. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pesquisador e coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado/Doutorado) do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE). Professor colaborador do Mestrado Profissional em Reabilitação e Inclusão do IPA. Líder do Grupo de Pesquisa “Cultura contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas e integrante do Grupo de Pesquisa interinstitucional “Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação”, ambos cadastrados no CNPQ.

***Professor de Educação Física. Mestre em Educação pela ULBRA com ênfase em Estudos Culturais. Doutorando em Educação UNILASALLE. Bolsista CAPES.

Introdução

É de Roland Barthes a instigante e inesgotável questão: “De quem sou contemporâneo? Com quem é que eu vivo?”. É também dele a resposta: “O calendário não responde bem”. (BARTHES, 2003, p. 11).

Referindo-se à complexidade do que é o contemporâneo, Barthes (2003, p. 11) assume que “Essa fantasia da concomitância visa a alertar sobre um fenômeno muito complexo, pouco estudado, parece-me: a contemporaneidade”. O contemporâneo não se esgota no que coincide cronologicamente, e é nessa perspectiva que queremos colocar em questão a problemática do “viver junto” e do “futuro” entre jovens.

Não se trata, portanto, apenas de mapear as homogeneidades juvenis de nosso tempo e traçar um perfil apaziguador de nossas incertezas, mas de entrever frestas de sentido naquilo que parece constituir a fotografia da juventude brasileira a partir dela mesma. Exatamente por isso, cabe-nos o esforço de pensar, buscar compreender, interpretar, levar adiante as questões sobre nossas coexistências.

No ano de 2013, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), apresenta uma de suas ações estratégicas - a pesquisa “Agenda Juventude Brasil 2013” - realizada entre abril e maio, com 3.300 pessoas entre 15 a 29 anos, de 187 municípios dos 27 estados do Brasil, contemplando capitais e interior, áreas urbanas e rurais, municípios de pequeno, médio e grande porte. Como metodologia para coleta de dados, foram realizadas entrevistas estruturadas em oito grandes blocos temáticos, contendo um total de 161 perguntas.

O relatório final da pesquisa recorta a amostra em faixas etárias internas –15 a 17 anos, 18 a 24 anos e 25 a 29 anos de idade – e justifica a adoção desse parâmetro pelas políticas públicas no país, subdividindo os dados nos mesmos blocos temáticos das entrevistas: 1. Perfil e Condição Juvenil; 2. Tecnologia de Informação e Comunicação; 3. A Escola e a Formação Profissional; 4. O Mundo do Trabalho; 5. Violência contra a Juventude Negra; 6. Temas da Juventude e Percepções do País; 7. Vida Política; 8. Políticas para a Juventude.

Neste ensaio, analisamos os dados que estão relacionados ao item 6: “Temas da Juventude e Percepções do País”, sobretudo no que diz respeito à sociabilidade, ao “viver junto”, ao “estar junto”, tendo por objetivo pensar como as perspectivas de futuro das juventudes podem constituir uma linha de ampliação das formas de vida e sociabilidades,

nunca completamente previsíveis ou garantidas. Antes de tudo, queremos insistir numa questão de fundo: o que temos, nós educador@s, a ver com isso?

O que interessa aos jovens?

Um dos dados levantados pela pesquisa que nos instiga e preocupa é aquele produzido pelas seguintes perguntas: “Independentemente do que você quer que aconteça, o que você acha que vai acontecer de verdade com o mundo (o Brasil / o seu bairro) nos próximos cinco anos: em sua opinião o mundo vai melhorar, vai piorar ou vai ficar como está?”; “ E a sua vida pessoal, como você acha que vai estar, independentemente do que você gostaria: você acredita que vai estar melhor, pior ou igual daqui a cinco anos?”.

As juventudes se mostram otimistas em relação ao que está mais perto de sua esfera cotidiana: 94% acreditam que sua vida vai estar melhor daqui a 5 anos, mas este percentual cai drasticamente quando se alargam as esferas; 53% acreditam que seu bairro irá melhorar, já a expectativa para o Brasil cai para 44%, e para o mundo chega a 36%. Os dados nos levam a pensar de que modo as juventudes constroem suas expectativas de vida como se esta estivesse descolada dos acontecimentos do mundo, do Brasil e mesmo do seu bairro. (BRASIL, 2014, p. 78)

Como educador@s, questionamos: de que modo (re)construir um sentido de vida coletiva em meio às tensões de uma (pós)modernização altamente tecnológica e globalizante que, por um lado, coloca-nos diante da possibilidade de reconhecer e conviver com as diversidades de toda ordem e, por outro, também reafirma valores como a aceleração e a competitividade que estão na base da desconsideração dos demais?

A reconexão dos interesses e das perspectivas privadas de futuro com as formas coletivas de vida e relação parece-nos um dos nossos maiores desafios como educador@s em geral. Para Carmem Leccardi (2005) as instituições sociais, mesmo tendo o poder de cadenciar o tempo do cotidiano, não têm mais a capacidade de garantir aos sujeitos a construção de sua individualidade.

Em uma “sociedade de risco” não sabemos o ponto de chegada de nossa trajetória biográfica, muito menos os itinerários para alcançá-la. “Para os jovens, tudo isso se traduz na conquista de novos percursos de liberdade e de espaços de experimentação, mas também na

perda do caráter evidente de uma relação positiva com o tempo social” (LECCARDI, 2005, p.49).

Outro dado a ser ressaltado é proveniente dos questionamentos em relação às formas de atuação das juventudes no enfrentamento dos problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil e o atravessamento com o envolvimento pessoal d@s jovens em formas de associativismo e participação política ou social. Os dados apontam como formas mais importantes ou eficientes de atuação: a participação em mobilizações de rua e outras ações diretas 45%; a atuação em associações ou coletivos que se organizam por alguma causa 44%; a atuação em conselhos, conferências, audiências públicas ou outros canais de participação desse tipo 35%; a atuação pela Internet opinando sobre assuntos importantes ou cobrando os políticos e governantes com 34%; e a atuação em partidos políticos, 30%. Ao mesmo tempo, os dados parecem não demonstrar grande interesse das juventudes em formas de associativismo e participação política ou social: 54% nunca participaram de associações, entidades e grupos.

Momentaneamente, os dados que demonstram desinteresse por parte da juventude em associativismo parecem contrapor a ideia do “estar junto”, mas o que estaria em jogo nessa condição? @s jovens simplesmente não se interessam por formas coletivas de associação e cooperação, ou estaríamos vivendo uma transformação das formas do “estar junto”, apontando cada vez mais na direção de formas menos institucionalizadas de convívio?

Aqui se faz necessário pontuar a diferença entre os conceitos socialização e sociabilidade. Maria da Graça Jacintho Setton conceitua a socialização como a constituição da identidade social e individual, sendo “o que se observa é uma tendência à articulação e à negociação constante entre valores e referências institucionais diferenciados e as biografias dos sujeitos” (SETTON, 2005, p. 365).

George Simmel, já no começo do século XX, constrói o conceito de sociabilidade a partir da afirmação de que uma sociedade existe na interação dos indivíduos em seus contextos sociais. Essa interação decorre de diversificadas motivações que adotam formas de cooperação e colaboração, transformandoos em uma unidade para satisfazerem seus interesses - uma sociação. Quando os sujeitos passam a dar mais importância para a sociação do que para as motivações constitui-se a sociabilidade, podendo esta ser considerada a “forma lúdica da sociação” (2006, p. 65).

Segundo Michel Maffesoli (2012), a partir da saturação do culto ao indivíduo, emerge o sentido de “estar junto” presente nas comunidades da pósmodernidade; ou seja, não estaríamos apenas diante de uma decadência das formas de associativismo e de um incremento do individualismo, mas diante de novas formas do “viver junto”.

É evidente que tais formas não emergem alheias a uma trama social e política que se desenrola nas redes de poder/saber. Talvez aí resida o potencial das práticas educativas na atualidade: sermos capazes de agenciar tais “energias” sociais e favorecermos mediações que possibilitem a efetiva interação humana, a abertura à alteridade e o reconhecimento do outro como parte irredutível de nossa própria formação.

A fronteira entre formas de sociabilidades menos institucionalizadas, lúdicas e potencialmente criativas; o recrudescimento do individualismo e do isolamento é muito tênue e requer nossa máxima atenção ética, política e sensível.

Juventudes e o viver junto na contemporaneidade

No contexto do espaço virtual tem se manifestado o desejo dos indivíduos de estar junto, onde, segundo Michel Maffesoli (2012), o vínculo social é ao mesmo “tempo sólido e pontilhado”, emergindo uma sociabilidade formada pelo “imaginário lúdico ou onírico”, que além de interagir e compartilhar, nos permite “viver vidas múltiplas”. Ou seja,

através dos pseudônimos, dos papéis desempenhados, de homepages verdadeiras ou falsas, cada um se investe de figuras arquetípicas e por aí se inscreve na linhagem, com a concatenação assegurando a permanência da comunidade humana (MAFFESOLI, 2012, p. 96).

A sociabilidade pode ser identificada na multiplicação de comunidades virtuais onde se pode perceber o “desejo de comunhão”, blogs, Twitter, Facebook, WhatsApp e outros, que potencializam a “mobilização” como uma capacidade de pessoas agirem juntas mesmo sem se conhecerem. Assim, contrariamente ao que muit@s afirmam, as tecnologias podem não estar contribuindo para as solidões, mas sim, para

uma nova ligação: estar, sempre, em contato, em união, em comunhão, ser antenado. [...] o ‘ciberespaço’ é um laço, de contornos indefinidos, infinitos, onde, de uma forma matricial, se elabora o encontro com o outro, onde se fortalece o corpo social (MAFFESOLI, 2012, p. 98).

Os dispositivos móveis apresentaram a possibilidade de expandir o território comunicacional, melhorar a visualização do cenário político e movimentar o espaço urbano e mostrar como a liberação da palavra na Internet pode transformar a opinião pública em produção cultural através das redes sociais (blogs, Wikis, Facebook, WhatsApp, Twitter). Para Manuel Castells,

a comunicação em rede oferece enormes possibilidades de incrementar a participação cidadã ao invés de reduzir a democracia a um voto midiaticizado a cada quatro anos. E como há canais institucionais, a sociedade se expressa através de suas formas autônomas de debate, organização e manifestação, online e nas ruas. Nesse sentido, a comunicação em rede está revitalizando a democracia mediante a crítica aos partidos burocratizados e aos políticos corruptos (FONTES, 2015, s/p).

O dispositivo móvel utilizado como objeto de questionamento na pesquisa “Agenda Juventude Brasil 2013” foi o celular. Quando relacionados os dados dos questionamentos sobre quais finalidades de utilização do celular e da Internet, nossas juventudes apontaram que utilizam a Internet para: sites de relacionamento, 56%; buscar notícias sobre a atualidade, 43%; pesquisas/mecanismos de busca, 31%; baixar músicas e vídeos, 23%; e enviar/ receber e-mails e mensagens, 23%. Como educador@s estamos diante de uma nova ferramenta que possibilita um cenário menos opaco politicamente e culturalmente e a construção de novas formas de “fazer sociedade”.

Apesar das redes e dos dispositivos móveis poderem ser nossos fortes aliados na reinvenção da ética e da política, algo não pode sair de nosso campo de visão: os prejuízos de uma compressão desmedida do tempo que nos cobra o preço subjetivo da aceleração constante e da ansiedade disso decorrente. Não podemos desconsiderar as evidências de que temos também nos tornado, cada vez mais, os sujeitos da angustiante incerteza cotidiana, do vazio e da ansiedade. Está aí a questão do futuro! (RATTO, 2014).

Segundo Carmen Leccardi, o mecanismo de significação de futuro parte da construção da identidade pessoal como um projeto “o que quero ser?”, dando a este um sentido de agir; sendo assim, “o futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será” (2005, p. 36).

Com efeito, quando a incerteza aumenta para além de certo limiar e se

associa não apenas com a ideia de futuro, mas com a própria realidade cotidiana, pondo em causa a dimensão do que é considerado óbvio, então o “projeto de vida” tem seu próprio fundamento subtraído (LECCARDI, 2005, p. 36).

O que se tem em jogo nas sociedades contemporâneas é um futuro governado pelo risco, passando de aberto para indeterminável, incerto e ameaçador, produzindo uma sensação constante de alerta, de impotência e de insatisfação.

Notas finais

Em uma sociedade caracterizada pelo reforço do processo modernização pautado no avanço da ciência e da tecnologia, que tem por objetivo de controlar os fenômenos naturais, de afirmar a autonomia da subjetividade e de intensificar as redes de comunicação e o acesso ao conhecimento, a regra é estar conectado e acelerar. Desta forma, risco e potência são dados que precisam estar na nossa agenda como educador@s, para examiná-los generosa e criticamente.

Os dados da pesquisa “Agenda Juventude Brasil 2013” demonstram que temas relevantes à sociedade, mesmo que estes sejam da esfera mais próxima à realidade d@ jovem, @ mesm@ aposta em uma conversa com seus pares, principalmente, através das redes sociais.

Pensando o futuro como um espaço do devir indeterminado e inseguro, a potência da virtualidade pode estar no “cruzamento peculiar entre a “anarquia do futuro”, para empregar a expressão de Elisabeth Grosz (1999), e a hesitação, a ânsia, o desejo, mais ou menos subterrâneo, de substituir o projeto pelo sonho” (LECCARDI, 2005, p. 50).

As redes virtuais têm constituído diferenciados espaços de vida, uma multiplicidade de novas práticas de si e ações coletivas de inteligência que potencializam as sociabilidades e abrem perspectivas para um futuro que estamos a forjar a cada instante. Cabe-nos utilizá-las como nossas aliadas na produção desses dispositivos de (auto)formação, com os quais @s jovens se conectam e convivem constantemente.

Torna-se fundamental, neste contexto, exercermos o papel de adultos, agora não mais definidos como portadores das certezas sobre do futuro, mas como aqueles que acolhem, mediam e facilitam o percurso com o repertório já acumulado.

Em um período histórico de crise do futuro (e de crise da concepção da juventude como transição para a vida adulta tout court), delineia-se assim um novo “estado de ânimo” juvenil em relação ao tempo. Em seu centro está a necessidade de não se deixar engolir pela velocidade dos eventos, de controlar a mudança equipando-se para agir prontamente, de não desprezar o tempo deixando que “as coisas aconteçam”, de não se deixar encurralar pela insegurança difusa. Ainda que o tempo vivenciado seja sobremaneira incerto, o que parece importante é, sobretudo, “manter a rota”, não perder a direção interior (LECCARDI, 2005, p.53).

Quem são nossos contemporâneos? Com quem vivemos? Nunca a questão foi tão atual. Importa seguirmos com o diálogo aberto, para que novos sentidos possam emergir. Assim, longe de traçar um cenário pessimista no qual as juventudes estariam desinteressadas pelo futuro e cada vez mais individualistas, podemos pensar criativamente nessas transformações da vivência do tempo, e criarmos condições de “costura” entre os projetos biográficos “pessoais” e o sentido de um mundo coletivamente viável e possível.

Aí está, talvez, o grande desafio de todos nós educadores diante dos jovens na atualidade: auxiliá-los a desacelerar, a confiar na vida e dar sentido às suas existências!

Referências

BRASIL. Secretaria Nacional da Juventude. **Agenda Juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros**. Secretaria Nacional da Juventude. Brasília. SNJ. 2014. Disponível em: <https://issuu.com/participatorio/docs/agenda_juventude_brasil_-_pesquisa_/1?e=12152407/10902032>. Acesso em: 24 fev. 2016.

BARTHES, Roland. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. Coleção Roland Barthes. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.

BECK, Ulrich. **Liberdade ou Capitalismo**. São Paulo: UNESP. 2003. FONTES, Malu. Manuel Castells: “a comunicação em rede está revitalizando a democracia”. Correio da Bahia - 11.05.2015. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/manuel-castells-a-comunicacao-em-rede-esta-revitalizando-a-democracia>>. Acesso em: 30 abril 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 2004. LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. v. 17, n. 2, São Paulo: 2005.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O Futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulos. 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

RATTO, Cleber Gibbon. **Enfrentar o vazio na cultura da imagem: entre a clínica e a educação**. Pró-Posições. v. 25. São Paulo: UNICAMP. 2014. p. 161-180.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2. São Paulo: 2005.

SIMMEL, George. **Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar. 2006. 118 p.

UNESCO. **Redação sem Discriminação**. São Paulo: Textonovo. 1996.